



JORNAL DA FEDERAÇÃO

Publicação da Federação das Associações dos Empregados da Embrapa

Brasília, DF, março de 2002 - Ano 16 - nº 70

II Embrapa Brasil

Um sonho que se torna realidade

De 15 a 20 de setembro/2002, em
Salvador, BA

Detalhes na próxima edição

Empregados excluídos da Ceres
A injustiça continua pág. 4

Confissão

Conto retrata
situação vivenciada
entre casais - confira
pág. 3

Subsídios na
Agricultura
pág. 2

AEEs em Destaque (XI Embrapa Sudeste)
(P4)

Demonstrativo dos repasses relativos à
participação das AEEs na Taxa do Seguro
(P5)

FAEE resolve problema odontológico na
Embrapa
(P6)

Cantinho da Poesia e da Música
(P7)

Embrapa: 29 anos de sucessos ininterruptos
Teje Preso!
(P8)



*Nossa
gente*

*"A Embrapa é a
minha segunda
paixão"*

*Nossa gente deste
mês destaca o colega
Walter José da Silva,
da Embrapa
Transferência de
Tecnologia, em
Goiânia, GO. Está na
empresa há 20 anos.*

(P6)



Subsídios na agricultura

O tema é antigo e está sendo muito discutido. De alguma forma, a maioria dos países subsidia sua agricultura. Alguns escolhem a via do crédito rural, a taxas reais de juros negativas (a taxa de juro é menor que a inflação); outros via mecanismo de preço. Por exemplo, o governo estabelece um preço para o milho. Se o preço do mercado for menor que o preço estabelecido, o governo paga ao produtor a diferença. Este mecanismo pretende garantir a renda dos agricultores, protegendo-os das flutuações do mercado. Equivale a isolar a agricultura do mercado. Gerou excedentes de produtos agrícolas que complicam a vida dos mercados mundiais. E eles fazem a política agrícola custar somas impensáveis aos cofres das nações ricas. E geram políticas comerciais, que objetivam minimizar o custo do estoque acumulado, muito danosas aos interesses do Brasil.

O objetivo do crédito subsidiado é capitalizar os agricultores e facilitar a difusão de tecnologia. Em geral, os insumos preferidos pela política de crédito são aqueles relacionados com práticas ditas modernas. Na prática, equivale a baixar o preço dos insumos. Ou seja, as duas políticas interferem no mecanismo de preço: num caso no preço dos produtos; no outro, no dos insumos.

Quem ganha com a política de subsídios? Num prazo mais longo, na medida que os preços dos produtos caíram substancialmente, a maior benefício ficou com a indústria de insumos, a que processa a produção, supermercados e com os consumidores. Os grandes produtores levaram muitas vantagens, no curto prazo. Mas no longo prazo, também perderam com a queda dos preços. Mas, perderam muito menos

que os médios e pequenos.

Mas, porque os preços caíram tanto? A revolução tecnológica trouxe um aumento de produção que muito excedeu o crescimento da demanda. Nos países que têm poder de compra, a não ser para frutas, hortaliças e carnes, mesmo assim, em substituição a outros produtos da agricultura, ela está estagnada. Razão: a população não cresce e está bem alimentada, de modo que a renda adicional não é empregada na compra de comida. Os países pobres têm a demanda potencial evoluindo a taxas elevadas. Mas, o povo não tem recursos adicionais para comprar alimentos, à exceção de países asiáticos, densamente populosos, como Índia, China e Coréia do Sul, que experimentam taxas de crescimento econômico elevadas.

Mas, porque os governos dos países ricos não puderam sustentar os preços? Caso o fizessem, teriam tido problemas de armazenagem insuportáveis e, ainda, teriam trazido, aos mercados mundiais, danos irreparáveis. Foram, em parte, derrotados pela revolução tecnológica. Mas, persistem com os subsídios. Em nome de que?

1. Transferir uma parte dos ganhos que os consumidores tiveram para os produtores e, assim, tentar mantê-los na agricultura;

2. Tornar a agricultura mais competitiva em relação às nações rivais, principalmente em relação ao Brasil, Argentina e outros poucos países em condições de grandes aumentos de produção. Não temos, neste aspecto, como retaliar na proporção cabível, porque nossos tesouros não têm os recursos necessários.

3. Cada país desenvolvido não confia nos demais, quanto ao suprimento de alimentos. As experiências, em tempo

de guerra, foram dramáticas. Assim, manter a capacidade de produção da agricultura é uma prioridade da política econômica, mesmo que isto gere muita ineficiência e custe muito recurso aos tesouros.

Embora, com custos elevados para as sociedades e para o resto do mundo, especialmente para os países pobres, a política de subsídios dos países ricos cumpriu os objetivos de ampliar a capacidade competitiva. São grande exportadores. Contribuiu para manter uma competência na agricultura para enfrentar as crises de uma guerra. Falhou na meta de manter a população no meio rural e o emprego agrícola. Assim, em nível de porteira da fazenda, a agricultura desenvolvida muito pouca importância tem, quanto à população economicamente ativa.

Num mundo sem ameaças de guerra os subsídios à agricultura vão desaparecer. Quanto distante estamos deste dia! Mas, o irônico é que a eliminação deles é importante para reduzir as ameaças de guerra, quando se dá às nações pobres melhores condições de desenvolvimento econômico, permitindo-lhes que ampliem suas exportações de produtos agrícolas.

Muito há a ganhar com a eliminação dos subsídios nos países ricos. Os argumentos econômicos contra os mesmos são sobejamente conhecidos e vociferados. É hora de analisar, com menos paixão, os argumentos favoráveis, principalmente, os de natureza política. Mas, é preciso salientar que os países pobres vão ter que se industrializar precocemente para se livrarem da pobreza, se os países ricos perpetuarem os subsídios a sua agricultura. Façamos do dilema um lema: sem paz no mundo não se eliminam os subsídios. Com subsídios à agricultura, não se eliminam as guerras!

Eliseu Roberto de Andrade Alves
Pesquisador e Ex-Presidente da Embrapa

Fraternidade

Abra os braços bem amplos e receba o amigo
Que o tempo há muito de sua mente apagou
E não franjas a testa, mas esboce um sorriso
Volte a ser o garoto que com ele brincou

Mate o frango cevado, lhe prepare um jantar
O melhor vinho da adega, te apresses em tirar
Não lhe conte os problemas nem os seus dissabores
Não lhe esnobe riqueza, nem lhe peça favores

Não pergunte o que quer, nem o que veio fazer
Não o inquiras acima do que ele quer te dizer
Não censure os caminhos que tomou em sua vida
Lhe ofereça o chinelo, banho quente e dormida

Não pergunte o tempo que ele pretende ficar
Nem lhe indagues a que hora pensa em se levantar
Deixe-lhe uma chave da casa, informe o seu celular
Não restrinja os horários para ele te procurar

Se for agradecido, lhe devolva um abraço
Mas se não for educado, não lhe pregue um sermão
E na sua saída, não contabilize os teus gatos
Se te perguntam quem era, diga apenas: um irmão!

Samuel Silva da Mata
Embrapa Sede

Expediente

FAEE - Federação das Associações dos Empregados da Embrapa

Diretoria
Presidente: Ismael Ferreira Graciano
Vice-Presidente: Maria do Rosário de Moraes
Diretores: Emídio Casagrande, Nicola Radica e Alba Mary da Silva

Conselho Fiscal
Titulares: Edgard de M. Sarmiento Neto (AEE/Sergipe), Ana Adelaide Barcelos (AEE/Bagé) e Wilson Sant'Anna de Araújo (AEE/SNLCS)
Suplentes: Jânio Barbosa Moreira (AEE/CNPA) e Joffre Kouri (AEE/Amapá) e Edinaldo Santos (AEE/Amazonas)

Presidentes AEEs:
AEE/DF - Manoel Pessoa Filho
AEE/CNPH - Márcia Regina Parente
AEE/CPAC - José da Rocha Ribeiro
AEE/CENARGEN - Nilson Alves Carrijo
AEE/GO-CNPAF - Cleiciomar Gonçalves de Almeida

AEE/CNPGC - Paulino Gauna Gomes
AEE/CPAP - Miguel Ageu de Faria Gonçalves
AEE/Dourados - José Wagner Botelho
AEE/CNPAB - Roberto Silva de Oliveira
AEPARJ - Sérgio Trabali Camargo Filho
AEE/RC - José Roberto da Silva
AEE/GL - Cláudio Nápolis Costa
AEE/CNPMS - Anízio Ferreira Gomes
AEE/CTAA - Adriana Santos do Nascimento
AEE/São Carlos - César Antônio Cordeiro
AEE/SM - Maurício Gomes de Souza
AEE/SNLCS - Wilson Sant'Anna de Araújo
AEE/CNPTIA - Jorge dos Santos Teixeira Santos
AEE/CNPMF - Perinto Luiz Pimentel Calafange
AEE/CNPA - Wilton Guedes Magalhães
AEE/Parnaíba - Maria Alice V. V. de Albuquerque
AEE/CNPCC - Edilson Mendes de Almeida
AEE/Cajú - Vanderléia Bezerra de Oliveira
AEE/Sergipe - José Ailton dos Santos

AESA - Ivan Sá Filho
AEE/RN - Emídio Costa de Araújo
AEE/Teresina - Ivo de Sousa Pinto
AEE/Acre - Francisco Roberto Vieira Sampaio
AEE/RR - Arlindo Melo Filho
AEE/CPAF-RO - Rogério Sebastião C. da Costa
AEE/Amazônia - Joffre Kouri
AEE/Amazonas - Rosângela dos Reis Guimarães
AEE/Pará - Adalberto Pinheiro Nery
AEE/BG - Anélio Evilázio de Souza Júnior
AEE/Florestal - Youssef Antônio Mazlum
AEE/Pelotas - Flávio Gilberto Herter
AEE/Bagé - Ana Adelaide Jardim Barcelos
AEE/CNPISA - Nádia Solange Schmidt
AEE/CNPSo - Rubens José Campos
AEE/PF - Jaime Pedro Tonello
AEE/Transferência de Tecnologia - Ponta Grossa - José Carlos Monken Menon

FAEE - Federação das Associações dos Empregados da Embrapa
Sede: Edifício FAEE - SHCG/Norte 714/715 Bloco "B"
Loja 12 / Parte Sobreloja - Asa Norte - Brasília - DF
CEP: 70760-780
Fone: (0xx61) 347-3590
Fax: (0xx61) 273-7150
E-mail: faee@solar.com.br
Homepage: www.faae.org.br
Jornalista Responsável: Lineu Marcos Gobeth
MTb 376/PB - E-mail: lineu@sede.embrapa.br
Fotos: AEEs
Jornal da Federação é uma publicação da FAEE.
Artigos assinados são de responsabilidade dos autores, não significando concordância da publicação ou da entidade com o seu conteúdo.
Composição e Revisão: Nicola Radica
Diagramação e Montagem: Hilton Pereira Sant'Ana
Fotolito e Impressão: Jornal da Comunidade

Confissão

No dia em que nos casamos, no exato momento de dizer o esperado "sim" diante do padre e de uma considerável platéia de amigos e convidados, uma grande dúvida tomou meu coração. Foram vários segundos de hesitação, marcantes para sempre. Disse o sim, sem muita certeza e ainda sob o domínio de estranhos pensamentos que me torturavam a alma. Todos notaram minha insegurança, inclusive o próprio padre, que passou a me olhar apreensivo até o fim da cerimônia. Foi a revelação involuntária e sem palavras de que não havia amor para tamanho compromisso. Esse fato possibilitou a você demonstrar segurança e convicção, perdoando-me incondicionalmente ante o conflito que me dominou e as justificativas que eu tentei apresentar.

Lealdade e companheirismo foram características das suas qualidades morais que todo cônjuge almeja, apesar de algumas atitudes calcadas em hábitos culturais, herdados do seu meio familiar, de somenos importância, que eu não soube ou não quis moldar.

Tivemos todo conforto material. Sua dedicação era a

toda prova na busca do bem-estar da família, que se expressava até nos cuidados mais elementares com a própria casa, o que eu insistia em não perceber. O lado espiritual também não foi esquecido por você, particularmente com relação aos filhos. Essas qualidades, eu as via como simples obrigação de sua parte. Até manifestei essa opinião várias vezes de maneira ríspida, a título de provocação, o que você fingia não ouvir para, em seguida, abraçar-me com ternura e falar do quanto me amava.

Não lhe dei carinho em nenhum momento dessa união, mesmo nos instantes mais íntimos. Nos encontros sociais, para não escandalizar, mostrava atenção e ensaiava ternura, principalmente entre amigos e pessoas conhecidas. A sós, transformava-me. Magoava por insignificâncias. Você aprendeu a conviver com essas atitudes renunciando sempre e, em contrapartida, cobria-me de elogios nascidos da sua tristeza, com palavras mansas e acentuadamente carinhosas.

Quando você adoeceu, deliberei não me envolver com a situação diretamente, arranjando sempre uma desculpa nas rápidas visitas ao hospital.

Deixei de incentivar sua luta pela vida. Você recuperou a saúde por milagre, e nunca me cobrou por isso.

Sempre tive inconfessável prazer em ver a mala arrumada para as freqüentes viagens que você fazia. Gostava de você a distância, e nessas ocasiões nunca telefonei para saber notícias, embora recebesse suas ligações todos os dias com aquela costumeira preocupação comigo e com os filhos. Por falar nos filhos, estes, da mesma forma, também não ligavam, porque jamais foram orientados para tanto. Isso acontecia até no seu aniversário, transcorrido diversas vezes longe de casa.

Você viajou mais uma vez no cumprimento de obrigações profissionais. Abraçou-me com afeto, como de costume, e partiu. Bastou você sair para que pensamentos estranhos me ocorressem de súbito e com freqüência enlouquecedora. Algo indescritível tomou conta do meu ser. Deparei com a realidade que eu insistia não enxergar. Sem me dar conta, fiz minucioso inventário da minha vida a seu lado e descobri o quanto você foi importante e o quanto se doou à família, sempre renunciando. Refleti sobre a dedicação, o carinho e o amor

que recebi durante todo esse tempo sem perceber a grandeza do seu coração. Concluí, enfim, que nunca mereci você.

Diante do turbilhão de idéias que passaram a me atormentar, tomei decisiva resolução: prometi a minha consciência que a partir daquele instante tudo ia ser diferente. Inexplicavelmente, passei a ter necessidade de ouvir sua voz com mais freqüência. Ligava todos os dias, por várias vezes, e estimulava nossos filhos a fazer o mesmo, inclusive a perguntar pela sua volta, no que você confessou perplexidade diante da inesperada mudança de comportamento familiar. Dei pressa no preparo de uma recepção só para nós, e memorizei as palavras mais lindas do cancionero para brindar a chegada de tão grande amor. Chorei de alegria para atenuar a ansiedade dos meus sentimentos regenerados e senti a eternidade do tempo para, num longo abraço, dizer o quanto lhe amava. Também sofri a lentidão das horas que separam os amantes, e do fundo da alma desejei você a meu lado para sempre. Mas você não voltou.

Nicola Radica
Diretor da FAEF

Lucro recorde do UNIBANCO

O UNIBANCO anunciou o seu lucro líquido recorde no ano passado. O Banco faturou R\$ 972 milhões em 2001, o que representa um aumento de mais de 30% sobre os resultados verificados no ano anterior.

AEEs em Destaque

XI EMBRAPA SUDESTE

Realizado em São Carlos, SP, de 6 a 9 de setembro de 2001

XADREZ

Ouro – AEE/GL
Prata – AEESC

PETECA

Ouro – AEESC
Prata – AEE/CTAA
Bronze – AEE/GL

TÊNIS DE MESA

Ouro – AEESC
Prata – AEE/CTAA
Bronze – AEE/RS

DAMA

Ouro – AEE/CNPAB
Prata – AEESC
Bronze – AEE/CTAA

FUTSAL

Ouro – AEE/GL
Prata – AEE/RC
Bronze – AEESC

SINUCA (DUPLA)

Ouro – AEE/SOLOS
Prata – AEE/GL
Bronze – AEE/CNPAB

VOLEIBOL

Ouro – AEE/CTAA
Prata – AEE/RC
Bronze – AEE/SOLOS

FUTEBOL SOCIETY

Ouro – AEESC
Prata – AEE/RC
Bronze – AEE/GL e
AEE/CNPAB

CORRIDA (7300 m em terreno acidentado)

Ouro – Luiz Apécido de Godoy - AEESC - 24,51 min
Prata – Luiz Lopes - AEE/GL - 34,29 min
Bronze – Pedro Henrique Rodrigues - AEE/CTAA - 36,28 min

Nota de Protesto

Em nome de sete AEEs da Região Sudeste, de um total de oito associações, os dirigentes da AEE São Carlos, SP, anfitriões do XI Embrapa Sudeste, denunciam a atitude da AEE Milho e Sorgo, de Sete Lagoas, MG, pelo transtorno causado à organização do evento, por duas vezes consecutivas, ao desistir, na última hora, de participar de encontros regionais.

Entendem os dirigentes da AEE São Carlos, SP, que a participação da AEE Milho e Sorgo nos próximos eventos precisa, necessariamente, ser avaliada e avalizada pelas demais AEEs da região.

Empregados excluídos da Ceres. A injustiça continua

Passa de dois mil o número de empregados da Embrapa excluídos da Ceres, fundo de pensão da categoria.

As razões são várias. A principal delas, segundo alegam esses empregados, foi a inexistência de esclarecimentos por parte da Ceres e da própria Embrapa, quando da assinatura do contrato de trabalho. Na atualidade, já não ocorre essa falta de esclarecimento, na admissão dos novos empregados, o que prova o reconhecimento da omissão de ambas as partes no início do processo.

Considerando as dificuldades sempre impostas pela Ceres para absorver esses retardatários, com a imposição de uma "multa" denominada jóia, de caráter mais

punitivo do que corretivo, a FAEE encomendou estudo a duas instituições de previdência privada: Brasilprev e Bradesco Previdência, há mais de 4 anos, na busca de solução definitiva da questão. Esses estudos foram encaminhados à diretoria da Embrapa, que ao invés de implementar uma dessas propostas, solicitou à Ceres a concepção de um plano alternativo, que redundou no decantado Flexceres. O plano Flexceres é implantado todos os anos, na intenção. Há três anos que escolhem os meses de março e novembro, ao fim dos quais surgem as desculpas de sempre. Quando não alegam problemas orçamentários na Embrapa, escorregam para entraves legais, como ocorre na atualidade. Com isso, a Empresa

continua com duas categorias de empregados. Para os empregados componentes da primeira categoria, a Empresa investe no futuro deles e de seus familiares, pagando 16,166% dos respectivos salários à Ceres todos os meses. Para os da segunda categoria, a injustiça continua.

Os empregados excluídos, fazem as seguintes perguntas ao nosso Sindicato:

- O Sinpaf, com seu representante na Ceres, como fica nesse caso? O representante só cuida dos interesses dos participantes como ele o é, ou deve lutar pelos interesses dos filiados ao sindicato em geral, entre os quais se incluem esses 2 mil e tantos empregados injustiçados?

- Essa causa não merece especial atenção, pelo número de filiados prejudicados?

- Quais os esforços que o Sinpaf está envidando, na prática, para a regulamentação das Leis 108 e 109/2001, para a solução definitiva dessa pendência?

Os empregados alijados desse benefício clamam ainda pela observância da ISONOMIA DE TRATAMENTO prevista na Constituição Federal, que pode ser concedida por intermédio da Ceres **ou fora dela**. Por que a Embrapa, em benefícios desses empregados, não participa (com o mesmo percentual de 16,166%) de outra instituição de previdência privada oferecida pelo sistema bancário?

Demonstrativo dos repasses relativos à participação das AEEs no rateio da Taxa de Administração do Seguro de Vida referente ao período de janeiro a dezembro/2001

| Associações | Comissão Bruta (R\$) | 5% parte da FAEE (R\$) | Valor Repassado (R\$) | Movimentação de Empréstimo (R\$) |
|----------------|----------------------|------------------------|-----------------------|----------------------------------|
| AEE/DF | 29.940,91 | 1.497,06 | 28.443,85 | 15.430,66 |
| AEE/CNPA | 6.601,34 | 330,07 | 6.271,27 | 355,25 |
| AEE/GO | 12.245,01 | 612,24 | 11.632,77 | 3.132,78 |
| AEE/CNPC | 4.318,19 | 215,90 | 4.102,29 | 461,23 |
| AEE/CNPGC | 6.408,01 | 320,41 | 6.087,60 | 0,00 |
| AEE/CNPGL | 7.509,97 | 375,49 | 7.134,48 | 0,00 |
| AEE/STA MONICA | 1.378,73 | 68,93 | 1.309,80 | 0,00 |
| AEE/CNPMF | 6.572,37 | 328,62 | 6.243,75 | 386,96 |
| AEE/CNPMS | 11.185,62 | 559,28 | 10.626,34 | 0,00 |
| AEE/CNPSoja | 12.489,44 | 624,47 | 11.864,97 | 0,00 |
| AEE/CNPSA | 7.014,31 | 350,73 | 6.663,58 | 0,00 |
| AEE/CNPTrigo | 6.074,97 | 303,76 | 5.771,21 | 2.111,67 |
| AEE/CNPH | 6.400,48 | 320,04 | 6.080,44 | 2.043,54 |
| AEE/CNPDA | 5.106,37 | 255,33 | 4.851,04 | 4.851,04 |
| AEE/CNPTIA | 1.323,25 | 66,16 | 1.257,09 | 0,00 |
| AEE/CNPF | 6.088,71 | 304,44 | 5.784,27 | 0,00 |
| AEE/SERGIPE | 5.769,12 | 288,46 | 5.480,66 | 868,06 |
| AEE/CNPUV | 3.980,86 | 199,04 | 3.781,82 | 0,00 |
| AEE/CNPAI | 2.436,10 | 121,79 | 2.314,31 | 0,00 |
| AEE/BAGE | 2.858,50 | 142,93 | 2.715,57 | 0,00 |
| AEE/CNPCaju | 5.099,74 | 254,98 | 4.844,76 | 0,00 |
| AEE/CTAA | 3.033,36 | 151,67 | 2.881,69 | 0,00 |
| AEE/Cenargen | 7.486,24 | 374,30 | 7.111,94 | 0,00 |
| AEE/CPAC | 11.883,42 | 594,18 | 11.289,24 | 2.802,13 |
| AESA | 12.056,13 | 602,80 | 11.453,33 | 0,00 |
| AEE/PARA | 22.055,48 | 1.102,80 | 20.952,68 | 0,00 |
| AEE/CPAP | 3.199,24 | 159,97 | 3.039,27 | 1.307,06 |
| AEE/PELOTAS | 13.564,65 | 678,24 | 12.886,41 | 0,00 |
| AEE/CNPBS | 4.539,14 | 226,96 | 4.312,18 | 0,00 |
| AEE/MANAUS | 8.458,57 | 422,92 | 8.035,65 | 0,00 |
| AEE/ACRE | 3.360,51 | 168,03 | 3.192,48 | 1.319,56 |
| AEE/AP | 2.515,07 | 125,76 | 2.389,31 | 631,18 |
| AEE/RO | 5.292,22 | 264,62 | 5.027,60 | 0,00 |
| AEE/RR | 3.062,42 | 153,12 | 2.909,30 | 0,00 |
| AEE/SNLCS | 4.687,31 | 234,39 | 4.452,92 | 1.152,66 |
| AEE/DOURADOS | 4.058,02 | 202,90 | 3.855,12 | 1.268,89 |
| AEE/SÃO CARLOS | 6.544,69 | 327,26 | 6.217,43 | 520,00 |
| AEE/TERESINA | 6.557,93 | 327,88 | 6.230,05 | 1.210,78 |
| AEPARJ | 381,82 | 19,11 | 362,71 | 0,00 |
| AEE/RN | 2.440,59 | 122,04 | 2.318,55 | 0,00 |
| AEE/SPSB | 2.057,83 | 102,88 | 1.954,95 | 0,00 |
| TOTAL | 278.036,64 | 13.901,96 | 264.134,68 | 39.853,45 |

Total do valor repassado às AEEs no período: R\$ 264.134,68



**Nossa
gente**

Walter José da Silva: "A Embrapa é a minha segunda paixão".

Walter José da Silva, 46 anos, Assistente de Operações II, lotado na Embrapa Transferência de Tecnologia, em Goiânia, é o entrevistado do



mês. É goiano da capital e está na Embrapa desde junho de 1982, portanto, há quase 20 anos. É casado com a Sra. Daisy Helena Ferreira da Silva, e tem um casal de filhos. Guilherme, o mais velho, está com 17 anos e pretende ser engenheiro eletrônico. Taís Helena, com 15 anos, cativante por natureza, é um amor de pessoa. Ambos levam os estudos muito a sério para satisfação dos pais.

Walter começou na Embrapa Arroz e Feijão, onde permaneceu a maior parte do tempo em que se encontra na

Empresa. Há dois anos no SNT, em nova atividade, sente-se realizado porque diz gostar do que faz. "Hoje estou na área comercial e convicto de que encontrei o meu lugar. Gosto do contato com a clientela externa. No exercício de minhas funções, me sinto orgulhoso em representar a Embrapa. Cada contato externo é uma emoção diferente, inclusive na arte de mostrar a minha empresa. Ao atender bem um cliente, estou revelando o padrão de qualidade Embrapa, na interação com as pessoas, que passa inclusive por uma simples ligação telefônica", enfatiza com convicção. Bom papo, esse companheiro, de origem indígena, não se faz de rogado ao receber os colegas que vão a Goiânia, com toda a simpatia que lhe é peculiar.

"Sou descendente de índio por parte de mãe, e tenho muito orgulho disso. A aldeia ficava no Vale do Paranã, região de Formosa, GO e foi extinta há muitos anos com a fusão com outros povos" informa esse embrapiano chamado, carinhosamente, de índio, por alguns colegas de

trabalho.

Gosta de futebol, a exemplo do que ocorre com quase todos os brasileiros. "Gosto de jogar bola e de assistir jogo no estádio. Esse negócio de jogo na TV não é comigo, é muito alienante", esclarece. O time do coração é o Vila Nova Futebol Clube, de Goiás, por tradição de família. Fora do futebol, tem como hobby os jogos de baralho de canastra e truque.

Walter tem opinião formada sobre a violência que se faz presente em todas as cidades brasileiras. "Se os dirigentes do País se preocupassem com a educação das crianças e não deixassem faltar emprego para seus pais, acabaria a miséria, e, por consequência, acabaria também a principal violência social e causa de muitas outras, que é a fome", posiciona-se. Quanto à pena de morte, é radicalmente contra. "Caso a pena de morte seja aprovada, só vai prevalecer para os discriminados sociais. As pessoas que tiverem poder econômico ou político nunca serão alcançadas por ela, como

acontece com a justiça hoje em dia, e todo mundo sabe disso," sentencia.

Para finalizar, Walter fala



sobre a nossa empresa. "Tenho duas paixões na vida. A primeira é a minha família pelos laços sagrados. A segunda paixão, pela missão que encerra, é a Embrapa. São situações que a gente sabe discernir muito bem, mas não sabe explicar direito. São coisas inexplicáveis, é o lado do sentimento", conclui o nosso colega de trabalho da Embrapa Transferência de Tecnologia.

FAEE resolve problema odontológico na Embrapa

Como já foi divulgado ostensivamente no âmbito da Embrapa, a FAEE, de comum acordo com a Embrapa (CBE/DAP), assinou contrato com a Odontoprev, sociedade comercial operadora de planos privados de assistência odontológica. O atendimento será em âmbito nacional, abrangente, e a preços populares. É destinado aos empregados da Embrapa e a seus familiares. Para se inscrever, basta o interessado procurar a CBE/DAP na Sede ou o SRH nas unidades descentralizadas.

Cantinho da Poesia

Quatro Cantos

Conto um conto
Que não é conto nem canto
É verdade.

Conto um conto
De quatro cantos
Que em tantos cantos
Não sei se conto.

Conto um conto
Que, no entanto,
O acalanto...
Não sei se conto.

Conto um conto
Que de tanto conto
Me perdi no seu encanto.

Paulo Giovani de Abreu
Embrapa Suínos e Aves

*** **

Janela

Da janela eu posso ver pássaros
Vizinhos calmos, ariscos, que nos visitam
Repetem-se sons, repetem-se galhos, repetem-se vôos
Alguns muitos raros, outros comuns.

De uma janela eu posso parar sozinho
Observar o tempo que nos matura
Repetem-se ciclos, repetem-se horas, repete-se nada
Tempos claros, tempos duros.

De uma janela eu posso mirar a vida
Casa de palha, tábuas, barro, construção
Pais e filhos repetem gestos, repetem flores, repetem dores,
Repetem ciclos, evolução.

Da minha janela eu posso ver eu mesmo
Calmo e arisco, pássaro e galho, pai e filho
Repetem-se luas, repetem-se amigos, repetem-se risos
Uns foram, uns estão, uns simplesmente são.

Da minha janela posso ver quem amo
Posso ver sonhos, rever imagens
Repete-se nada, estar vivo é isto:
Vagar tempo-espaco, explorando emoção.

Haron Abrahin Magalhães Xaud
Embrapa Roraima

Cantinho da Música

Lamento de cantador

Olho d'água vai morrer
Pra poder nascer projeto
Lá banharam muitos filhos
Lá beberam tantos netos
É o preço do progresso
Mexendo com vidas
Alheias, alheias.
Na matança das queimadas
Que mataram tantas matas
Extinguiram mil espécies
Dizimaram as aldeias
Alheias, alheias.

Curumim foge assustado
Feito bicho condenado
Sai pedido encurralado
Pra não morrer na beira
De um rio contaminado
Por mercúrio despejado
Pelos donos empresários
Das grandes empreiteiras.

Pego a viola e ponteio
Faço promessa e semeio
O meu chão, meu coração
O meu chão meu coração
Rodarei vales, montanhas
Cantarei muitas campanhas
Do fundo de minha entranha
Como caboclo que sou
Para mostrar que estranhos
Vindo carregando seus engenhos
Que eu sei desde pequeno
Que é o grande predador
Que se disfarça de bem
Fazendo o que lhe convém
Pra lucrar e matar
Extinguir dominar

Minha terra tem ribeira
Onde canta o Guará
Os homens que aqui habitam
São dos donos do lugar

Encerrando essa cantiga de lamento
Vou deixando um protesto
Não contento
Ao cantar Amazônia
Ao cantar Amazônia.

Valmí Borges da Silva e
Antônio Francisco Cacá de Matos
Embrapa Amazônia Oriental

Ninho de serpentes

Coiotes de novo se ouviu no imenso
e tirano canil
Ladrando sem garbo e nem brio
promessas de dar arrepios
E a cada dia o clima torna-se
indecente
Vem do ninho de serpentes o veneno
a se espalhar
Hipocrisia avança de garra e dentes
No país dos eminentes
Pequeno não tem lugar, lugar, lugar
Pra poder aprender, escolher
Trabalhar e vencer, enfim viver.

E o pão exportado em navios e a
fome no fim do pavio
E já no início de abril mendigos
morrendo de frio
E da montanha vê-se a terra mais
gigante
Cheia de lobos uivantes as ovelhas
atacar
Protagonistas de injustiças
incessantes
No país dos mais possantes
Pequeno não tem lugar, lugar, lugar
Pra poder aprender, escolher,
Trabalhar e vencer, enfim viver.

E a pátria que era mãe gentil perdeu-
se no orgulho e caiu
E o sangue venoso e servil do peito
sem honra sumiu
E da montanha vê-se a aldeia
agonizante
Produtores ambulantes sem terras
pra se instalar
Capitalistas com porções
exuberantes
No Brasil dos mais possantes
Pequeno não tem lugar, lugar, lugar
Pra poder aprender, escolher
Trabalhar e vencer, enfim viver.

Arnaldo Soares
Embrapa Florestas

Embrapa: 29 anos de sucessos ininterruptos

A marca "Embrapa" mantém-se em alta no cenário dos indicadores de ciência, tecnologia e inovação na agricultura brasileira.

Em função dessa acertiva, transcrevo abaixo uma carta de minha autoria, publicada no Jornal da Ceres, em comemoração aos 26 anos da Embrapa, datada de 26.04.99.

Somos todos sonhadores altruístas

É a pesquisa um sacerdócio? É o pesquisador em ciência e tecnologia um sacerdote do conhecimento?

Assim como no ensino existe o professor, em ciência existe o pesquisador. Estão eles em busca de um mundo por eles idealizado, pleno em novos paradigmas e postulados, em benefício da sociedade?

A resposta afirmativa a essas perguntas parece uma constante. A determinação, o desprendimento das coisas materiais, a perseverança e o altruísmo são fatores constantes na vida do homem que trabalha com ciência e tecnologia.

Mesmo sabendo que existe pouco retorno financeiro em suas atividades, que são altamente qualificadas, mesmo assim, esse ser importante e fundamental na evolução do universo não desanima; pelo contrário, a cada momento encontra uma razão para levar adiante seu projeto de pesquisa.

Transforma cada projeto na verdadeira razão de sua existência. Muitas vezes deixa o lazer e o ambiente familiar para alavancar sua hipótese científica, na demonstração de um fato que muitas vezes leva anos para comprovar.

Mesmo que em inúmeras tentativas não consiga comprovar nada, ele não esmorece, vai em frente na busca do avanço do conhecimento.

Qual é o segredo de um bom pesquisador? Ele deve encarar seu trabalho como um sacerdócio e ser altruísta, a ponto de não considerar o dinheiro como uma meta em si e, sim, considerar a ciência, o método científico e o avanço do conhecimento como a grande meta a alcançar. Esses fatos trazem o bem-estar da sociedade e o sucesso de uma nação. Essa é a sua grande meta. E isso o torna um sonhador e um verdadeiro altruísta. Viva o pesquisador!

Essa carta me inspira nesse momento a escrever no Jornal da Federação, quando me encontro a 4 anos aposentado na Embrapa, mas que em nenhum momento deixei de

pensar nessa Instituição, que eu aprendi a amar.

O que me inspirou a escrever esse trecho de apologia ao pesquisador, serve também de inspiração aos pesquisadores novos, recém ingressados na Instituição, e que terão muito que batalhar pela pesquisa agropecuária no país.

É um novo ciclo na história vitoriosa da Embrapa, uma marca que existe com sucesso, pela dedicação de seus empregados e pelo altruísmo de seus pesquisadores.

Enedino Corrêa da Silva
Engº. Agrº, Pesquisador
aposentado da Embrapa e Professor
Universitário

Teje Preso!

Essa é uma daquelas histórias que o compadre Veridiano me conta quando vou a Vitorino Freire, Maranhão, nas férias. O Veri, como é mais conhecido, sempre tem uma história nova ou um ditado, que acaba virando moda. O último ditado, se me permitem, fazia referência a um pássaro, conhecido regionalmente por "pai Luiz", que só faz ninho em roça abandonada.

As roças por lá ainda são da forma tradicional, ou roça de toco. Quando se dizia que o "pai Luiz tinha tomado conta da roça", indicava que o dono dela deixou o mato crescer e ali não dava mais nada. Só que, aquele povo criativo, já utilizava a frase também quando o sujeito deixava de dar atenção à sua casa. E, nesse sentido, o pai Luiz era o "pé-de-pano".

Me conta o Veri, uma história que aconteceu na época que ele morou no Pará e trabalhara na hidrelétrica de Tucuruí. Numa cidadezinha próxima, diz o Veri, toda a força policial local era um cabo da polícia, que fazia as vezes de delegado, e um soldado. Também não precisava de

mais. As ocorrências eram poucas ou quase inexistentes, salvo algumas "briguinhas" de bar ou desentendimento de vizinhos.

Um dia, chegou por lá um sujeito alto, forte. O Veri exagera na descrição, dizendo que ele tinha mais de dois metros de comprimento por 2 de largura. Um caixote, se essas medidas forem levadas a sério. Ele dirigiu-se ao bar do local e, encostado no balcão, pediu um copo de pinga. Tomou num gole só, reclamando que era muito fraca. Pediu uma mais forte. Nessas altura o dono do boteco já sentiu o "cheiro" de encrenca.

Para atender ao pedido, ele preparou um coquetel com várias pingas. Colocou até uma pitadinha de um molho de pimenta forte, daqueles que faz o baiano gemer sem sentir dor, completando com um punhado de pólvora. O sujeito tomou como quem toma água.

"Tem tira-gosto?", perguntou ao dono do bar.

"Não, senhor!", respondeu com voz trêmula.

O sujeito sacou uma peixeira, cortou

e assou na lamparina a orelha de um freguês que tranquilamente tomava sua pinga no balcão. Nessas alturas a cidade toda já sabia o que se passava no bar. Na delegacia, o delegado-cabo já se preparava para colocar sua força policial em ação:

"Soldado! traga o sujeito até aqui!"

O soldado armou-se com sua espingarda chumbeira e andou uma curta distância, da delegacia até o local da ocorrência. Lá chegando viu aquele sujeito com a mão na orelha, esvaindo-se em sangue e, ao lado, aquele fortão tomando o "coquetel" e saboreando o estranho tira-gosto.

"Teje preso por ordem do delegado Leriano!", disse o meganha, apontando sua arma para o grandão.

O sujeito se virou de uma vez e, nesse movimento, já tomou a arma do soldado, quebrando-a em diversos pedaços. O soldado voltou à delegacia quase correndo.

"Cadê o homem, soldado!"

"Ele não quis me acompanhar delegado!", disse o esbaforido soldado.

"Prenda o homem e traga-o aqui de qualquer maneira, soldado!"

O soldado retornou. Na frente do bar a coragem minguou e ele preferiu ficar esperando fora, armado com uma estaca de aroeira que ele arrancara de uma cerca. Horas depois, o sujeito resolveu sair, meio cambaleante. Quando ele apontou a cabeça na porta do bar, recebeu aquela tremenda pancada, caindo desmaiado. O soldado imediatamente providenciou uma viatura – um carrinho de mão que estava ali perto –. Depois de muito trabalho, ele conseguiu "agasalhar" o sujeito no veículo.

"Delegado, taí o desobediente!", disse ao chegar à delegacia, despejando a carga do carrinho aos pés do valente delegado.

Edvalson Bezerra Silva (Mocoin)
Área de Comunicação Empresarial
Embrapa Recursos Genéticos e
Biotecnologia